

## **1. Introdução**

Há uma corrente do pensamento ecológico defendendo a tese de que a doutrina bíblica da criação possibilitou a crise ecológica no planeta. Um dos argumentos dos defensores dessa teoria é o seguinte: o desenvolvimento da civilização ocidental (berço do capitalismo moderno) teve fundamento na doutrina judaico-cristã da criação, o que justifica o processo irracional de intervenção humana na natureza. Tais argumentos se baseiam na tese de Lynn White Jr, de 1967, que se tornou referência obrigatória para o estudo da origem histórica da atual crise ecológica (PONTE, 2012, p. 50).

Para defesa dessa teoria, movimentos ambientalistas modernos podem também ter encontrado algum respaldo na sociologia weberiana. Em seu livro “*a ética protestante e o espírito do capitalismo*”, Max Weber - tentando descobrir porque o capitalismo se desenvolvia tão rapidamente no ocidente em detrimento da sociedade oriental - defende a idéia de que o desenvolvimento do capitalismo e do progresso técnico-científico na civilização ocidental foi impulsionado pelo espírito “dominador” do homem, amparado por uma conduta de vida racional decorrente da moral ascética cristã protestante (ARON, 2003, p. 792).

Nessa mesma ótica, o filósofo ambientalista Armstrong, referindo-se ao judaísmo e ao cristianismo, coloca que “é difícil, se não impossível avaliar os valores e comportamentos ocidentais, sem a consideração das contribuições históricas dessas difundidas e poderosas tradições” (ARMSTRONG, 2004, p. 215). Portanto, nessa visão, se o ocidente é fundamentalmente cristão, e se a crise ecológica é um problema principalmente da cultura ocidental, então, parece que, até este ponto, a tradição judaico-cristã seria a principal fonte do antropocentrismo.

---

<sup>1</sup> Engº Agrônomo. Mestre em Política e Desenvolvimento Rural – UFBA. Especialista em Ciências Ambientais – UESB. Especialista em Meio Ambiente e Recursos Hídricos – INEMA. Email: [jaeciomatos@gmail.com](mailto:jaeciomatos@gmail.com).

Por outro lado, há os que defendem outro ponto de vista contrário. Outro filósofo ecologista e cristão conhecido como Rolston III (quase que solitariamente, como uma voz no deserto) afirmava: “Não resta dúvida de que os cristãos podem e devem ter uma ética que se preocupe com o ambiente”. Os humanos são ajudados ou prejudicados pelas condições do ambiente, e se há deveres em relação aos homens, haverá aplicações desses deveres aos problemas ambientais. (ROLSTON, III, 2004, p.231).

Acerca da doutrina bíblica da criação - que trata a respeito do “domínio” humano sobre a natureza, descrito no primeiro capítulo do livro de Gênesis - a concepção mais sensata é que o mesmo Deus criador dos céus e da terra é o verdadeiro autor dos princípios da vida sustentável na terra.

A grande questão gira em torno da interpretação dos seguintes versos do capítulo primeiro do livro de Gênesis: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e *domine* sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Então Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei a terra; *subjugai-a e dominai* sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra (Gênesis 1:26-28).

Se confrontarmos o trecho acima com Gênesis 2, verso 15: “Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o *cultivar e o guardar...*” veremos que os termos *subjugar* e *dominar*, em Gênesis 1: 28, não significam poder para dominar de forma irracional e incoerente. A hermenêutica desse texto bíblico revela claramente a determinação dada pelo Criador para a administração, com cuidado e proteção, da natureza criada.

Em contraste com a interpretação dos movimentos ecológicos modernos, podemos perceber a maneira como o livro de Gênesis relata a criação. O seu primeiro capítulo nos mostra que havia ordem e estrutura, e que Deus tinha prazer naquilo que criou. Havia interdependência entre as coisas criadas. Deus separou a terra seca das águas, e fez brotar a vegetação (criando o contexto favorável à vida) e a seguir criou os animais terrestres e o próprio homem (vide também: Salmos 104:10-12, 24-25, 27-28).

Nessa perspectiva, a Bíblia, como referência doutrinária cristã, contém princípios indicando que as relações humanas com o meio ambiente (ecologia) são harmônicas e não o contrário (uma relação de domínio irracional sobre a natureza).

As escrituras sagradas mostram que a criação tem seu próprio valor e dignidade, independente de sua utilidade para a humanidade. O livro de Jó (capítulo 38 e 39) mostra como Deus cuida dos animais, das plantas e da terra em lugares remotos e desabitados, com carinho e atenção.

O que significa dizer que fomos criados à imagem e semelhança de Deus? É mais do que a capacidade para ser ou fazer algumas coisas. Somos os seus representantes na terra, criados para viver em relacionamento com Ele. A imagem implica antes de tudo em relacionamento.

A semelhança também significa que representamos a Deus na terra. Isso se expressa no relacionamento mútuo entre os seres humanos, e também no cuidado responsável pela criação. O domínio certamente não significa exploração, pelo contrário, uma maneira de servir que facilita o desenvolvimento de um meio ambiente saudável.

Afora esses princípios teológicos da criação relatados, uma outra constatação precisa ser colocada em pauta, para análise e questionamentos: Qual a razão da igreja, ao longo dos anos, em se manter quase sempre indiferente (ou neutra) frente às questões ambientais? É verdade que o movimento ambientalista no mundo é relativamente novo. Ele é contemporâneo da sociedade moderna, do fenômeno desenvolvimentista industrial; e surge frente às evidências dos problemas ecológicos da atualidade, causados por modelos de desenvolvimento econômico e sociedades insustentáveis. Mas, as razões para tal neutralidade da Igreja Cristã, talvez, possam ir além do tempo e da sua doutrina.

## **2. A igreja e a crise ambiental**

Não resta dúvida de que há certo conformismo ou uma alienação da igreja frente às questões sócio-ambientais no mundo. Provavelmente, devido à crença na profecia bíblica do final dos tempos, todos estariam conformados com a situação e não dispostos a fazer as transformações necessárias no campo sócio-ambiental (já que Jesus vai voltar um dia e todos os fiéis serão transformados e transportados para uma nova pátria celestial).

Há também outro fator que pode ser considerado relevante: a alienação a que está submetido o sistema religioso no mundo, refletida pela falta de conhecimento do processo histórico social, econômico, político e cultural ao qual está inserido.

Aliado a isso está a pouca e baixa qualidade da participação da igreja nos principais processos de tomadas de decisão política, freando assim o processo de controle socioambiental. No Brasil, por exemplo, quando há alguma manifestação política por parte da chamada “bancada evangélica” no Congresso Nacional, ela tem sido (lamentavelmente) na maioria das vezes, contrária aos princípios da sustentabilidade ambiental.

Essa questão da suposta neutralidade da igreja não será aprofundada aqui. Inclusive, pode haver outras razões em jogo para tal conformismo religioso-cristão, ou seja, uma provável convivência histórica da igreja com os sistemas políticos e ideológicos do Estado.

Uma coisa é considerarmos a crença de que a profecia bíblica do fim dos tempos irá se cumprir, independente ou não da vontade humana. Outra coisa é deixarmos de agir como humanos conscientes do nosso papel, como cidadãos, de interferir nesse processo de destruição desenfreada da natureza. Cabe a nós, enquanto vivermos aqui na terra, a responsabilidade de cuidarmos daquilo que o Senhor Deus nos confiou. Essa é a nossa parte nesse processo.

Não são compatíveis com o testemunho do verdadeiro cristão, ações que potencializam a degradação ambiental, a poluição, o desperdício, etc.. Assim como, uma conduta irresponsável com o uso dos recursos naturais disponíveis. Seria contraditório, por exemplo, vermos pessoas cristãs causando danos ao meio ambiente, jogando lixo na rua ou nas estradas (o que é bastante comum hoje em dia); além de outras atitudes antiecológicas, demonstrando assim um comportamento alheio aos princípios da conservação e proteção da biodiversidade.

Quanto ao final dos tempos, ao Deus criador caberá agir de maneira soberana, conforme a Sua vontade, para cumprir as Suas promessas no tempo que Ele quiser. As catástrofes ambientais são proféticas, mas muitas delas acontecem por pura e simples negligência ou descuido do ser humano (ou de um sistema). Devemos ter a consciência de que Deus não quer que sejamos negligentes, nem descuidados com a natureza que ele criou.

A crise civilizacional tem chegado a um patamar que, cada vez mais se torna evidente a possibilidade do mundo ser destruído, não somente pelas catástrofes ambientais, mas também somos ameaçados pelas guerras entre as nações. As

conseqüências de uma guerra química e/ou biológica podem ser desastrosas para a humanidade, podendo levar até a sua extinção.

Todavia, independente desse cenário mundial, cabe a igreja, à luz das escrituras sagradas, desenvolver o seu projeto ministerial em prol do meio ambiente. Será preciso rever o seu comportamento, frente aos problemas socioambientais que afligem a humanidade.

Nessa perspectiva de mudança de paradigma como um conjunto de opiniões e práticas, as religiões são desafiadas a dar a sua contribuição e pode-se dizer que elas (ainda) têm uma contribuição a dar (REIMER, 2003, p. 137).

Sem jamais fugir da essência do evangelho que é a salvação do homem, não podemos nos distanciar do cuidado que devemos ter com a natureza, obra da criação divina. Até porque essa essência (a salvação) não está desligada, ou desconectada da cidadania, da honra, da dignidade e da qualidade de vida humana na terra.

Deve-se levar em consideração o fato de que esse mesmo evangelho da salvação significa plenitude e “abundância” de vida e paz. Jesus disse: “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida e vida em abundância” (João 10:10). Daí pode-se aferir que para se ter vida abundante depende de estarmos conectados com Cristo e seus ensinamentos. Não obstante, a abundância e a qualidade de vida é fruto de um mundo equilibrado e sustentável em seu amplo aspecto: moral, psicológico, social, econômico, político, cultural e ambiental.

É importante ressaltar que o projeto de salvação para a humanidade, essa abundância de vida oferecida por Jesus, não se opõe ao conceito de sustentabilidade. Antes transcende o seu valor temporal para essa vida, se perpetuando para toda uma vida eterna (vide Salmos 104 e I João 5: 11,12 e 20).

Estar salvo implica não só estar livre do pecado, mas fundamentalmente em mudança de vida, de atitude. É um nascer de novo, é passar a ter uma nova consciência. Um bom texto bíblico para reflexão acerca desse assunto está em João capítulo 3:1-21, quando Jesus explica para Nicodemos (príncipe dos Judeus) sobre a necessidade do “novo” nascimento.

Acrescenta-se, ainda, que esse projeto de salvação só se completa de fato na vida do ser humano quando há perseverança na fé, na graça e no conhecimento do mestre Jesus. Seguir os passos de Cristo, possuir a sua mente e o seu caráter - como meta de

aperfeiçoamento de vida - requer primeiro uma reconciliação com o criador e a sua criação, pois Deus Pai e Filho são um só (vide evangelho de João capítulo 5: 16-47).

Segundo Murray (2009), entender e manter a relação certa do interior (espírito) com o exterior (natureza) é um dos maiores segredos da vida cristã. Precisamos compreender que toda a nossa salvação consiste na manifestação da natureza, da vida e do sentimento de Jesus Cristo, tanto na vida exterior como na renovada vida interior. Somente isso renova e reconquista na alma do homem aquela primeira vida dada por Deus.

Em todo o nosso cristianismo, o grande perigo é dar mais tempo e ênfase à forma exterior do que a realidade interior. Não é a intensidade do estudo bíblico nem a frequência nem o fervor das orações ou das boas obras que estabelecem uma vida espiritual autêntica. Não! Precisamos entender que, como Deus é Espírito, há dentro de nós um espírito que pode conhecê-lo, recebê-lo, tomar-se semelhante a ele e ser participante das próprias características de Deus em sua bondade e amor (MURRAY, 2009 p.133).

Em meio a atual crise ambiental, a história de Noé e sua família se destaca como exemplo de resistência e de esperança. “São os elementos pelos quais Deus refaz o seu projeto de vida também para a casa em crise. A este Noé, crente, fiel, resistente, Deus confia a promessa da vida e da esperança” (REIMER, 2006a, p. 52). Noé e sua casa ajudam o Criador a manter a criação.

Noé é um ecologista (...). Diante da catástrofe iminente, deixa-se envolver no projeto de vida do Deus criador. Dá passos concretos. Constrói a arca, delimita ‘áreas de preservação ecológica’. Atua como co-mantenedor. Exerce seu papel de co-responsável pela comunidade da criação. A casa, a família ou cooperativa familiar de Noé é um espaço de resistência contra a catástrofe que se avizinha (REIMER, 2006a, p. 52-3).

Deus instituiu leis que ajudam a manter a criação e o equilíbrio social entre os homens. Deus entra em aliança (um compromisso da parte de Deus) com todos os seres criados, após o dilúvio, prometendo que já não destruirá toda carne pelas águas do dilúvio. Como lembrete dessa aliança Deus escolheu o arco-íris. Deus vai fazendo novas alianças, e ratificando as anteriores, no decorrer da história, fazendo seu compromisso de abençoar e cuidar de suas criaturas. A aliança não é um compromisso unilateral. Espera-se uma resposta de obediência da parte do ser humano aos princípios dados por Deus, para regular as esferas pessoais, sociais, políticas e religiosas de sua vida.

Portanto, nesse contexto, qual tem sido a atitude, o comportamento da igreja frente a esse desafio de mudança e transformação socioambiental? Há duas opções: não

fazer nada e admitir o futuro miserável e catastrófico; ou lançar mão do saber e do conhecimento sobre o comportamento humano, para criar um ambiente social onde se levará vidas produtivas e criativas à construção de um mundo mais justo e melhor.

O apóstolo Paulo, na sua carta à Igreja romana, faz a seguinte recomendação: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento (*pensamento*), para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rom.12:2).”

Observa-se que o primeiro passo é não se conformar, é reconhecer que há algo errado que precisa ser mudado, é tomar uma atitude perante a situação. Segundo, para se alcançar a transformação desejada, o pré-requisito é renovar o pensamento, é mudar a consciência. E terceiro, para que se possa experimentar a boa, a agradável e a perfeita vontade de Deus, precisa-se estar com o entendimento (*pensamento*) renovado, voltado para o Criador (aqui representado pela Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo) e em comunhão com Ele.

E qual é a vontade de Deus? Para se descobrir qual a vontade de Deus precisa-se provar (experimentar) do seu amor primeiro. Daí chega-se a conclusão que somos completamente dependentes dEle, e que a Sua vontade é que façamos a Sua vontade: “Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu”, como diz a oração do Pai nosso.

Devemos ser como vasos de barro, permitindo ser trabalhados por Deus (como um oleiro, de acordo à Sua vontade). De maneira que o resultado dessa obra seja um vaso novo de honra, uma nova forma de vida, uma nova criatura, um homem melhor, um povo melhor e, conseqüentemente, um modelo melhor de sociedade.

Essa é, portanto, a perfeita, a boa e a agradável vontade de Deus para com a sua igreja: que ela esteja unida a Ele, em um só Corpo e Espírito (nesse caso, não confundir igreja com organização eclesial). Assim, recebemos virtude, graça e liberdade para viver conforme a Sua vontade, desenvolvendo um caráter semelhante ao de Cristo. Dessa forma, poderemos ser verdadeiros instrumentos para levar o devido sabor (o “sal”) à terra e a “luz” a esse mundo em trevas.

Toda a vontade de Deus para a vida do ser humano está explícita na Sua palavra: a Bíblia Sagrada. Mas, para não complicar, Jesus resumiu no seguinte mandamento: “Amarás ao Senhor teu Deus sobre todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”. Daí se pode concluir que quem ama verdadeiramente o Criador, cuida da sua criação.

### **3. Considerações finais**

Cuidar da natureza é um princípio bíblico (ordenado por Deus). A igreja cristã não deve se isentar de sua responsabilidade socioambiental. Deus nos deu inteligência e sabedoria para agirmos no processo de transformação do mundo. A nova ética, os novos valores espirituais fundamentados na Bíblia são a base e reforçam esse agir humano.

Para concluir, consideramos que o nosso principal desafio é poder superar a nós mesmos. Superar o nosso “ego”, a ganância (consumismo irresponsável), o orgulho, a soberba, a avareza, a cobiça, o ódio e todo o tipo de pecado ou má conduta que nos leva a afastar da presença do nosso Criador.

O alcance satisfatório da justiça social, do desenvolvimento pleno e sustentabilidade planetária dependerão essencialmente do nosso comportamento, da nossa atitude perante o trato com o meio ambiente, do uso adequado da nossa inteligência e sabedoria; acompanhada de toda uma estrutura ético-humana e espiritual do Estado e da sociedade.

A igreja, nesse contexto, tem um papel preponderante: Incorporar no seu ministério a *educação ambiental* na pregação do *evangelho pleno* da graça redentora de Cristo. Aquele voltado para a salvação da alma, o amor ao próximo, o cuidado com a vida e com a natureza. Destarte, o exercício da cidadania, fomentando a transformação de uma sociedade que jaz insustentável, anunciando o caminho para uma nova vida abundante e sustentável, que vai além dos limites espacial e temporal.

### **4. Referências bibliográficas**

A *BÍBLIA SAGRADA*. Tradução em português por João Ferreira de Almeida, 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ARMSTRONG, Susan J. ; BOTZLER, Richard G. (Org.) Anthropocentrism. In: *Environmental Ethics: divergence and convergence*. New York: McGraw-Hill, 2004.

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 771-801.

MURRAY, Andrew. *A vida interior: cultivando a renovação da alma*/Andrew Murray; tradução Emma Andres de Souza Lima - 2.ed.- São Paulo: Editora Vida, 2009.

PONTE, Moisés N.Q. A doutrina judaico-cristã da criação face à hodierna crise ecológica: aproximação histórico-teológica a partir da crítica de Lynn White Jr. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE* v.3 n.1 p. 49-63, mai, 2012.

REIMER, Haroldo. Textos sagrados e educação ambiental. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 133-154, 2003.

\_\_\_\_\_. *Toda criação*. Bíblia e Ecologia. São Leopoldo: Oikos, 2006a.

ROLSTON, III, Holmes. *Environmental Ethics: some challenges for Christians*. In: ARMSTRONG, Susan J.; BOTZLER, Richard G. *Environmental Ethics: divergence and convergence*. New York: McGraw-Hill, 2004.